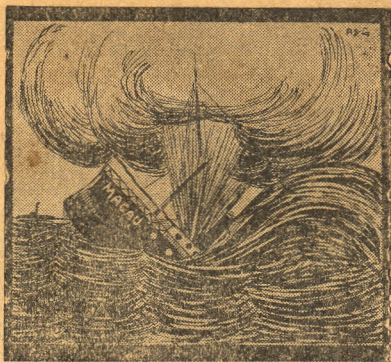


Leandro Gomes de Barros

# Echos da Patria

## Torpedeamento do Vapor MACAU



A GUERRA  
Canto de Guerra

---

Agencia no Pará  
RUA MANOEL BARATA, 97

---

A Edictora—**RECIFE**

# Echos da Pátria

## O torpedeamento

### do vapor "Macáu"

Despertaes filhos da Pátria  
Mostrae a vossa façanha,  
Arriscaes o peito á balla  
Ide morrer na campanha,  
Um soldado brasileiro  
Não rende preto á Allemanha.

Um filho deste torrão  
Que de berço me serviu,  
Morre no campo da honra  
Como em Paraguay se viu,  
Mas brasileiro correr ?  
Quem disser isto mentiu.

Brazileiro onde faz presa  
Parte os dentes mas não solta,  
O punhal d'elle onde bate  
Ou rompe, ou parte, ou entorta,  
Elle não desculpa affronta  
Nem vae se humilhar em porta.

Trata bem a quem o trata,  
Não é falso a seu amigo  
Porem soffrendo uma affronta  
Não ha peor inimigo,  
Só diz aquillo que obra  
Não torce a cara ao perigo.

Zomba do frio e calor  
Não teme sol nem sereno,  
Ri na presença da morte  
E não repugna veneno,  
Na vista do brasileiro  
Todo perigo é pequeno.

O brasileiro na guerra  
Não se exercita a brigar,  
Muitos até ignoram  
O que é á *esquerda rodar*,  
Mas mata sem fazer sangue,  
Engole sem mastigar.

E' exacto que a Allemanha  
Tem formidaveis canhões,  
Submarinos que fazem  
Terror ás navegações,  
Nós temos isso, mas poucos  
E ninguem teme as nações

Disse o grande Ruy Barbosa  
No senado discursando :  
—Brazileiro faz sorrindo  
O que allemão faz chorando,  
Este paiz magestoso  
Renasce de quando em quando.

Ha encantos no Brazil  
Que não ha em outro solo,  
Nascemos no meio das flores  
Somos criados no collo,  
O brasileiro não morre  
Se muda para outro polo.

A terra de Santa Cruz  
Que Casimiro cantou,  
A onde Santos Dumont  
Seu ideal confirmou,  
Onde o primeiro balão  
O grande espaço explorou.

Um povo dessa linhagem  
Não se rende a um allemão,  
Enfrenta todo o perigo  
E onde vae pega é a mão,  
Pode morrer porem vinga  
A morte de seu irmão.

Quatro vapores dos nossos  
Já foram torpedeados,  
E esses crimes horrendos  
Não foram considerados,  
Talvez que pelo «Macau»  
Os outros sejam vingados.

O Rio Grande do Sul  
Parte voluntariamente,  
O Paraná se prepara,  
São Paulo diz: estou na frente,  
Quando precisar me chame  
É espere o contingente.

Santa Catharina ainda  
Não tomou resolução,  
Nós esperamos de lá  
Sahir grande agitação,  
Devido aos seus habitantes  
Ser quasi todo allemão.

Mas nada disso tememos,  
O que faz rir, faz rangir,  
Tudo que tem perna e junta  
Está arriscado a cahir,  
O brasileiro é um povo  
Que bate em quanto bolir.

O Brazil logo a principio  
Declarou neutralidade,  
Julgou tambem que a Allemanha  
Tivesse fidelidade,  
E respeitasse o direito  
E a sua nacionalidade.

Nós deviamos saber  
A Allemanha quem é,  
Um aborto da desgraça  
Sem lei, sem forma, sem fé;  
Tomou um barco dos nossos  
Carregado com café.

O Brazil dessimulou  
Deixou ficar tudo lá,  
O commercio brasileiro  
Teve o prejuizo cá,  
Depois um submarino  
Pois a pique o «Paraná».

Onde morreram diversos  
De sua tripulação,  
O governo brasileiro  
Não quiz mais ter concessão,  
Fechou seus portos a ella,  
Cortou toda a relação

Agora ultimamente  
Soube o doutor Wenceslau  
Que na costa da Hespanha  
Torpedearam o «Macau»,  
Deu prova que o allemão  
E' povo inconstante e mau.

E como está desgraçado  
Não se importa com alguém,  
Vendo que um paiz tem vida  
Quer desgraçal-o tambem,  
Como ella não tem a paz  
Odeia o paiz que a tem.

Era 18 de outubro  
Um telegramma alarmante  
Dizendo : o vapor «Macau»  
Foi a pique nesse instante,  
A Allemanha o poz a pique  
E prendeu o commandante.

Alvorçou-se o paiz  
Desde o Sul até o Norte,  
O povo corria as ruas  
Com destino heroe e forte,  
Gritando tudo em voz alta :  
Queremos vingança ou morte.

Tudo pediu ao governo  
Que elle declarasse guerra,  
O homem provem do pó  
E nesse um dia se encerra,  
Morra tudo na batalha  
Mas dezafronte-se a terra.

Vamos com unhas e dentes  
Pega-se á pé e a mão,  
Do Brazil até um grillo  
Nós o temos por irmão,  
É um vapor brasileiro  
Vale o imperio allemão.

O deputado Mauricio  
Para a tribuna subiu  
E um discurso importante  
Em alta voz proferiu  
Dizendo : esta santa terra  
Que de berço nos serviu.

Está hoje é afrontada  
Por um corsario allemão  
Um infame que devia  
Beijar do Brazil a mão,  
Afundou nosso vapor  
E prendeu o nosso irmão.

Nós acolhendo a elles  
Com toda amabilidade,  
Uns miseraveis que teem  
Aqui hospitalidade!  
Pagam a nossa fineza  
Com essa barbaridade.

O exercito brasileiro  
E' muito bem disciplinado  
E a força de vontade  
Põe o homem exercitado,  
Dar a vida pela patria  
E' um direito sagrado.

Isso disse um deputado  
Num discurso que fazia,  
Que dos olhos da mãe patria  
Cada lagrima que sahia  
Era com toda certeza  
Um filho seu que morria

Devemos todos formar  
Uma só corporação  
Pôr a mochila na costa,  
A espingarda na mão,  
Não consentir no Brazil  
Entrar um só allemão.

Ergue a fronte brasileiro  
Que a desgraça agora sae,  
E nós havemos de ver  
Se a coisa vae ou não vae,  
A Austria encontrou marido  
Allemanha encontra pae.

O Brazil dissimulou  
A traição e covardia,  
Allemanha está pensando  
Que nós não temos energia,  
Agora fica sabendo  
Que tem de chegar seu dia.



Ou vae a lingua ou o beijo  
Ou vae o queixo ou o dente  
Ou vae o dedo ou a unha  
E' impreterivelmente,  
Porem que o Brazil tem homem  
Ella ha de ficar sciente.

Vamos á tapa e á murro  
A' coice e á ponta pé,  
A destreza da Allemanha  
Não nos faz perder a fé,  
Ella ha de ficar sabendo  
O brasileiro quem é.

Chore agora quem chorar,  
Gema depois quem gemer,  
Vae desde velho a criança  
Isso não tem que saber,  
Dá-se a vida pela honra  
O sangue pelo dever.

O Brazil sempre acolheu  
Esse ou aquelle estrangeiro,  
Deu provas de um povo honrado  
Um paiz hospitaleiro,  
Porem se vendo offendido  
Se transforma em carniceiro

Era 18 de Outubro  
Estava o paiz socegado  
Quando veio um telegramma  
Que deixou tudo alarmado  
Dizendo: um vapor nosso  
Foi na Hespanha afundado.

Sahiu do Rio de Janeiro  
O grande heroe Saturnino,  
Levando o vapor «Macau»  
A' França que era o destino,  
Foi nas costas da Hespanha  
Victima de um submarino.

Esse corsario maldito  
Fez isso sem avisar,  
Torpedeou o navio  
Botou-o no fundo do mar,  
E toda a tripulação  
Não consentiu se salvar.

O commandante Mendonça  
Vendo-se alli aggreddido  
Disse ao corsario allemão:  
—Você tambem está perdido  
Se hei de escapar por covarde  
Vou morrer por atrevido.

E lançando mão do sabre  
Cravou logo o commandante,  
Matou outro official  
Que veio meter-se adiante,  
Por elle e por um criado  
Foram 4 num instante.

O commandante Mendonça  
Reconhecendo o perigo  
Disse ao corsario allemão:  
—O mar é nosso jasigo  
Felizmente já lá vão  
Quatro diabos commigo.

Ora, o Mendonça sozinho,  
Apenas com um creado,  
Dentro de um submarino  
Por tantas feras cercado  
Não poudé mais resistir  
O mataram degolado.

Morreu, mas seu nome vive  
Nas aguas do oceano,  
Provou que a raça latina  
Engrandece o genero humano,  
Mostrou a força que tem  
Brazileiro e alagoano.

Morrer no campo da honra  
Isso é causa differente,  
Porém morrer como homem  
Peito a peito, frente a frente,  
Mostrar que a America do Sul  
Sabe honrar seu continente.

E mostrar que o brasileiro  
Aonde agarra não solta,  
E se faz bom na partida  
Inda faz melhor na volta,  
Um soldado brasileiro  
Tem o valor de uma escolta.

Havemos todos de ir  
Combater na terra extranha,  
Morrer como morrem brutos  
Dando combate a Allemanha,  
Na esperança ou certeza  
Que tarde ou cedo se ganha.

Nós não tememos a furia  
Do carniceiro allemão  
Pois tudo conhecerá  
Que lutamos com razão  
Defender a nossa patria,  
A honra, o nome e braço.

A Allemanha não pense  
Que o Brazil é cão sem dono  
E nem que os seus filhos  
Deixem a patria em abandono,  
Isso só quando o paiz  
Estiver no ultimo somno.

Viver desmoralizado?  
Isso eu não chamo viver  
Fazer casa e não ser domno  
Assim não se deve ter  
A vida sem liberdade  
E' muito melhor morrer.

Eu acho que nós devemos  
Dizer ao barbaro allemão;  
—O conheço como fera,  
Não o tenho como irmão,  
Como quem zomba da morte  
Entrar e pegal-o a mão.

Se o allemão possuir  
Peça de calibre grosso  
Nós possuímos os braços  
Disposição e esforço,  
Um golpe de um velho nosso  
Vale dez de qualquer moço.

A nossa bala onde bate  
Quebra, espedaça, esfachéla,  
Entra no pé do pescoço  
Sae no osso da canella,  
A medicina não cura  
Ferida feita por ella.

Temos 22 Estados  
De povo forte e possante  
Que se gritando a um : pega !  
Ágarra no mesmo instante,  
E em cinco minutos assa  
Inda que seja um gigante.

O Rio Grande do Sul,  
S. Paulo, o Rio de Janeiro,  
Matto Grosso e Paraná,  
Partindo a um estrangeiro  
E' igual a cobra, ao sapo  
Nem mastiga, engole inteiro.

Eu sou da opinião  
Que o homem deve morrer,  
Porem não mostre fraqueza  
Nem dê seu braço a torcer,  
A cobardia é um osso  
Que não se póde roer.

Nós temos em nossa terra  
Homem que morre sorrindo,  
A bala entra, elle diz :  
—Não doe, nem estou sentindo  
Só dá fé que está ferido  
Depois do combate findo.

É quem tem um povo desse  
Não teme qualquer nação,  
Povo que estando em combate  
Tira da peça a acção,  
Se lembra das trôvoadas  
Em Janeiro no sertão.

No seculo XV um punhado  
De pequenos portuguezes  
Combateu heroicamente  
É expulsou aos inglezes,  
Vidal de Negreiros sózinho  
Expulsou os hollandezes.

Portugal naquelle tempo  
Só tinha o céu por abrigo,  
Tinha por alma o direito  
E o seu passado antigo,  
Porem fez polvora de areia  
E venceu ao inimigo.

O mesmo faremos nós  
Nessa terefa comprida,  
Havemos de dar o exemplo  
De uma nação destemida,  
Ou se alcança a victoria,  
Ou não sae algum com vida.

Vimos no quarenta e nove  
Batalhão de infantaria  
Quando o commandante disse :  
Todo perigo que havia,  
Esclarecendo a affronta  
Que nossa patria soffria.

Aquelle que se prestasse  
 A ir voluntariamente,  
 O commandante ordenava  
 Que desse um passo em frente,  
 Não ficou um no lugar  
 E elle sorriu de contente.

Disse o commandante : juro  
 Se houver guerra o Brazil ganha,  
 Quem tem soldados assim  
 Não tem medo de campanha,  
 Bate no peito dizendo :  
 Venha mais outra Allemanha.

O Brazil inda sustenta  
 O peso de uma nação,  
 O soldado brasileiro  
 Morre com armas na mão,  
 Mostrando que um brasileiro  
 Inda morto tem acção.

A industria da Allemanha  
 Para nós perde a vantagemem,  
 Ella faça o que quizer  
 Tem que perder a viagem,  
 Ella vem com appparelhos  
 Nós vamos com a coragemem.

..... F I M .....



# A Guerra

---

Guerra ! oh ! guerra ! abysmo dos abysmos,  
Lago triste enorme d'aguas turvas,  
Condutora da fome e da deshonra,  
Officina de orphãos e viuvas;  
Um juiz não perdôa estes teus crimes  
E nem lava tuas nodoas as grandes chuvas.

E's o cancro dos cancos, o mal dos males,  
Nem a cobra tem tanta tyrania,  
E's capaz de fazer medo ao terror !  
Afugenta a tua voz a epidemia,  
O desastre se assombra em tua frente,  
Só um Kaiser da Allemanha te aprecia.

Tens a valla commum como trapiche  
Onde vaes recolher teu apurado,  
Alli veem-se mil tanques cheios de lagrimas,  
Que verteram os pobres desgraçados,  
Maldições de orphãos desvalidos,  
Que se acham assim desamparados.

Os espiritos de feras te apreciam,  
Tu nos peitos assassinos tens morada  
E na roda da miseria indissoluel  
Tu és grande e tens lá a tua entrada,  
Mas nas vistas de Deus e de homens justos  
E's a coisa que é mais odiada.

E's da lastima do mundo a mais antiga,  
Dos conflictos tambem cerrespondente,  
E's amiga do mau e do malvado,  
Em teu todo infame e inconsciente  
Assitúa-se a maldade, o odio, o vicio  
E a miseria que reina eternamente.



# CANTO DE GUERRA

*Letra de Antonio Garcez*

*Musica do Buri.*

A auri-verde bandeira se élêva  
Ao valor de seu povo saudando,  
Dos maiores o Genio nos lêve,  
Pelos louros da Patria, luctando...

## **Côro**

Oh! filho do norte  
Robusto e viril,  
A's armas! Sé forte!  
Deffende o Brazil.

Nossa Patria requer nosso sangue  
O Dever nos impõe ao combate,  
Anté Nós, o mais forte é exangue  
E o inimigo se curva e se abate...

## **Côro**

Oh! filho do norte

Todos juntos fazamos muralha  
A' estrangeira e inimiga cohorte  
Com desdem ao troar da metralha  
E zombando dos golpes da morte...

## **Côro**

Oh! filho do norte

Galopeiem corceis nas campinas  
Trôe fuzil e sibilem as balas  
E os punhaes brilhem nas carabinas  
Obrigando ao inimigo abrir alas.:

Folhetos expostos á venda  
na AGENCIA

Rua Manoel Barata, 97—Pará

Historia de Zezinho e Mariquinha  
A Força do Amor  
Morte de Alonso e Vingança de Marina  
A Rainha que sahiu do Mar  
Historia da Princeza Magalona  
A Morte do General Pinheiro Machado  
Casamento e Divorcio da Lagartixa  
Historia da Donzella Theodora  
A Bella adormecida no bosque  
A chegada do dr. Lauro Sodré no Pará  
A vida de Antonio Silvino  
A prisão do celebre Antonio Silvino  
O Leão na jaula (Antonio Silvino)  
Antonio Sivino no jury  
Os arrependimentos de Antonio Silvino  
Ultimos julgamentos de Antonio Silvino  
Allemanha nadando sobre um mar de sangue  
Historia de Maria Amaral  
A guerra do Brazil com a Allemanha  
O Mal em paga do Bem  
Pae da Miseria e Mãe da Urucubaca  
Peleja do cego Aderaldo com Zé Pretinho  
A vida do seringueiro  
Peleja de M. do Riachão com o Diabo  
Discussão da Allemanha com Portugal  
O Rio de São Francisco  
O Brazil na guerra  
Historia da escrava Izaura  
O Principe e a Fada.  
O Governo e a Lagarta contra o fumo  
Historia de Pedro Cem  
O Retirante, sua mulher e seus filhos  
O torpedeamento do vapor «Macau»  
A Mulher roubada  
Echos da Patria—O torpedeamento do vapor  
«Macau»  
Branca de Neve. O Soldado guerreiro e  
muitos outros em preparação.



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).